



Percurso assistido

Programas de mentoria estimulam a troca de experiências e oferecem orientação para estudantes e profissionais em início de carreira

Douglas Luan de Souza havia acabado de chegar de Catuji, sua cidade natal, no interior de Minas Gerais, quando, aos 22 anos, foi aprovado em engenharia de computação na Escola Politécnica da Universidade São Paulo (Poli-USP). Acolhido pelo projeto Poli-Retribua, da Associação dos Engenheiros Politécnicos (AEP), no segundo ano do curso recebeu uma bolsa de estudos e passou a ser acompanhado por um mentor. Souza foi um dos primeiros beneficiados do projeto, criado para auxiliar estudantes nos desafios da vida acadêmica. “Foi um processo importante, que me ajudou a fazer escolhas e refletir sobre a carreira que queria construir”, informa.

O jovem pôde contar com o auxílio financeiro do projeto, além da mentoria

que contribuiu para um estágio de quatro meses na empresa Airbus, em Hamburgo, Alemanha. “A mentoria me deixou mais seguro para enfrentar esse desafio e cumprir com maior confiança as atividades do estágio”, resume Souza. Inscrito no programa de mestrado da instituição, agora ele é mentor de um calouro da graduação em engenharia de petróleo.

Projetos de mentoria como o Poli-Retribua têm feito a diferença no desenvolvimento de quem se encontra em fase inicial de aprendizado, propiciando avanços em ações colaborativas nas esferas pessoal, acadêmica e de pesquisa. Além de possibilitar o estabelecimento de vínculos intergeracionais por meio da troca de experiências, o acompanhamento de pessoas com

maior vivência auxilia na reflexão sobre os diferentes aspectos do percurso acadêmico e profissional, contribuindo também para reduzir a evasão de estudantes nos cursos de graduação.

Tradução para *mentoring*, do inglês, tudo indica que o termo tem sua origem na *Odisseia*, poema épico cuja autoria é atribuída a Homero. Escrito no século VIII a.C., no poema o personagem Mentor e a deusa Atena auxiliam Telêmaco, filho de Ulisses, a ir em busca de notícias sobre o pai. Com o tempo, a expressão passou a ser utilizada para definir a relação estabelecida entre um indivíduo mais experiente e outro geralmente mais jovem, com a finalidade de estimular e orientar seu desenvolvimento pessoal e profissional.

Há duas décadas a prática da mentoria faz parte do cotidiano dos

estudantes da Faculdade de Medicina da USP (FM-USP). Na instituição, grupos formados por alunos dos diferentes anos acadêmicos e, no papel de mentor, um professor da faculdade ou médico do hospital-escola se reúnem mensalmente para trocar experiências e refletir sobre o “vir a ser médico”. A mentoria é configurada em ciclos anuais que podem ser renovados. Os alunos interessados em participar podem indicar três professores participantes do programa que gostariam de ter como mentor. “Oferecemos essa possibilidade por acreditarmos que a relação de mentoria envolve identificação e confiança. É a partir dessa base que seus efeitos podem acontecer”, diz Patrícia Lacerda Bellodi, psicóloga e coordenadora do programa desde seu início em 2001.

Com 320 alunos inscritos em 2021, o programa conta com 32 mentores de diferentes especialidades médicas. Antes de assumir o compromisso como mentores, os interessados passam por entrevistas e por um processo de capacitação. “A intenção é que conheçam os objetivos do programa e compreendam o conceito de mentoria, que se diferencia de ações de tutoria, mais dirigidas à facilitação ou remediação do aprendizado. Mentores atuam de forma mais abrangente e longitudinal, inspirando caminhos, estimulando o desenvolvimento do estudante como um todo”, resume Bellodi.

Na FM-USP, cada grupo de mentoria conta também com a participação de um “comentor”, posto ocupado por estudantes dos períodos finais do curso (internato) ou daqueles que já estão na etapa de residência. Passadas duas décadas do início do projeto, vários dos mentores atuais já foram mentorados. “A mentoria é uma relação de mão dupla, trazendo benefícios não só para os alunos, mas também para os mentores, que se sentem reenergizados nesse contato com os mais novos”, completa Bellodi.

Por intermédio de sua Pró-reitoria de Graduação, e baseada no sucesso dessas experiências, a USP pretende lançar nos próximos meses um escritório especializado no planejamento e organização de ações

de mentoria. Intitulado E-Ment e sob coordenação de Bellodi, a iniciativa terá como objetivo divulgar a cultura e a prática da mentoria entre os professores e os alunos dos diversos cursos e unidades da universidade.

Idealizado e coordenado pelo professor José Medina, desde 2007 a Escola Paulista de Medicina da Universidade Federal de São Paulo (EPM-Unifesp) mantém um programa de mentoria para desenvolver habilidades que auxiliam os graduandos na construção de suas identidades profissionais. “Discutimos aspectos que vão além da vida acadêmica, com potencial para influenciar as escolhas que o aluno fará no seu campo de trabalho”, explica Medina. As mentorias começam a ser oferecidas no primeiro ano e podem seguir até a conclusão do curso, dependendo das necessidades de cada estudante. Participam atualmente cerca de 230 mentorandos e 40 mentores, todos professores da escola.

A permanência na universidade de alunos em situação de vulnerabilidade econômica e social é um dos benefícios observados pelos programas de mentoria. O Poli-Retribua trabalha para garantir a diversidade de seu corpo discente e conta com apoio da Associação de Engenheiros Politécnicos (AEP), que elabora uma lista de candidatos, ordenada por vulnerabilidade, utilizada como base para seleção de bolsistas e mentorandos. O programa conta com cerca de 130 engenheiros politécnicos que atuam como mentores e atualmente atendem 230 alunos de diferentes períodos dos seus 17 cursos.

A permanência na universidade de alunos em situação de vulnerabilidade econômica e social é um dos benefícios observados

No Poli-Retribua, além das atividades de aconselhamento, as orientações também podem envolver auxílio financeiro ao estudante, com recursos obtidos de doações feitas pelo site do projeto. “Nossa meta é bastante clara: garantir que o aluno com menos condições possa concluir o curso, oferecendo apoio desde o início da graduação até a formatura”, explica Marcos Rodrigues, professor aposentado da Poli-USP e coordenador do programa.

Na Poli-USP, em geral os mentorandos são os primeiros da família a ingressarem em uma universidade. “Muitos deles não têm apoio financeiro para dedicação ao curso, enfrentando em suas casas oposição aos estudos em tempo integral”, explica Rodrigues. Desde 2017 foram concedidas 81 bolsas mensais de R\$ 700,00 com duração de um ano. “Somados a outros auxílios oferecidos pela Superintendência de Assistência Social (SAS) os valores passam a fazer diferença na vida desses estudantes”, observa Rodrigues.

Ex-alunos da Poli interessados em atuar como mentores fazem o cadastramento pelo site do Poli-Retribua. Após a entrevista, é realizado um processo de pareamento. O objetivo é identificar os mais compatíveis com o perfil de cada mentorando. “Já temos alguns casos de mentores que são ex-mentorandos, contemplando o círculo virtuoso que foi pensado para esse projeto”, observa Rodrigues. Além de orientações que abrangem temas da vida acadêmica, os mentores do Poli-Retribua costumam auxiliar na busca de estágios, na elaboração do currículo e na dinâmica envolvendo entrevistas de estágio ou emprego. Os integrantes do projeto trabalham agora em uma forma de replicar a iniciativa fora da escola. “A intenção é que o Poli-Retribua possa ser adotado em outras instituições de ensino. Agora vamos apresentar o projeto a associações de alunos para que conheçam nossa história e *know-how* na condução de mentorias”, completa.

Processos de mentoria entre professores e alunos também podem se desdobrar na relação entre profissionais com diferentes níveis de



Benefícios da mentoria

- 1 Estabelecimento de vínculos entre alunos, professores e profissionais mais experientes
- 2 Desenvolvimento de habilidades extracurriculares
- 3 Apoio para superação de dificuldades que podem levar à desistência do curso ou da carreira
- 4 Identificação de temas relacionados às adversidades da prática profissional, com o intuito de superá-las
- 5 Enriquecimento das práticas de docência e pesquisa, desenvolvidas pelos mentores

experiência. Para investigar como esse diálogo profissional se desenvolve, Aline Maria de Medeiros Rodrigues Reali, pesquisadora do Centro de Educação e Ciências Humanas da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), coordenou três estudos que acompanharam professores da rede pública de ensino do estado de São Paulo. “Muitos professores iniciantes, ou seja, com menos de cinco anos de experiência, têm dúvidas sobre a prática docente, uma vez que a profissionalização se dá por meio da ação em sala de aula”, observa Reali. No primeiro estudo, que ocorreu entre 2004 e 2007, 52 professores em início de carreira foram orientados por 10 profissionais aposentados, dentre eles diretores de escola e supervisores de ensino. No segundo estudo, entre 2012 e 2016, a mentoria foi dada a 75 professores iniciantes de Educação Infantil e dos anos iniciais, mentorados por 30 profissionais da educação, dentre diretores de escola e coordenadores pedagógicos. No terceiro, entre 2017 e 2021, a mentoria atendeu 80 professores dos níveis iniciais e de Educação de Jovens e Adultos (EJA), desenvolvida por 14 professores com pelo menos 10 anos de experiência em docência na rede pública.

“Não é incomum que professores em início de carreira se vejam em situações bastante complexas, seja assumindo turmas consideradas difíceis ou

enfrentando adversidades que exigem um repertório que ainda não têm”, explica Reali. “Com o estudo, foram abertas possibilidades de análise das principais demandas envolvendo a formação profissional, para que pudéssemos ir além do que é apontado pela literatura. Como resultado, percebemos que a mentoria, ao colocar as práticas pedagógicas dos iniciantes como tema central, faz com que eles reflitam sobre suas atitudes e elaborem soluções mais efetivas para os problemas enfrentados”, resume.

Países como Inglaterra, Escócia, Estados Unidos e Chile dispõem de políticas de mentoria bem estabelecidas no campo da docência, com o acompanhamento de professores mais jovens por parte dos mais experientes. “No Brasil, apesar de não serem tão disseminadas, as iniciativas mostram que a mentoria traz grandes benefícios para o desenvolvimento da carreira docente, possibilitando, por exemplo, que os professores tratem de questões que raramente levariam à direção da escola”, afirma José Moran, professor aposentado da Escola de Comunicações e Artes (ECA) da USP, especialista em temas relacionados a metodologias ativas e novas tecnologias na educação.

Com o intuito de iniciar um programa de mentoria voltado aos bolsistas de pós-doutorado da

instituição, a FAPESP pretende lançar ainda este ano a plataforma “Iniciativa de mentoria para consolidação da carreira em pesquisa”, que se desenvolverá em quatro módulos. “Abrangendo diferentes temas, nos módulos serão utilizados vídeos e webinários apresentados por membros da Coordenação Adjunta da Diretoria Científica da Fundação”, informa Catarina Segreti Porto, professora da EPM-Unifesp, assessora da Diretoria Científica da FAPESP e coordenadora da plataforma. Os bolsistas poderão esclarecer suas dúvidas nos webinários dedicados aos temas de cada módulo.

A FAPESP e o sistema de pesquisa no estado de São Paulo constituem o tema do primeiro módulo. No segundo, serão abordados aspectos relacionados à consolidação da carreira científica, no terceiro, ética e integridade em pesquisa. O último módulo será dedicado a assessorar os pesquisadores no desenvolvimento e na tramitação de projetos de pesquisa científica e tecnológica, além de orientações práticas sobre como elaborar pareceres. “O objetivo dessa mentoria é preparar os bolsistas de pós-doutorado para realizar, de maneira responsável e competente, vários tipos de atividades pertinentes à consolidação da sua carreira de pesquisadores na academia, na indústria e no governo”, completa Porto. ■

Sidnei Santos de Oliveira